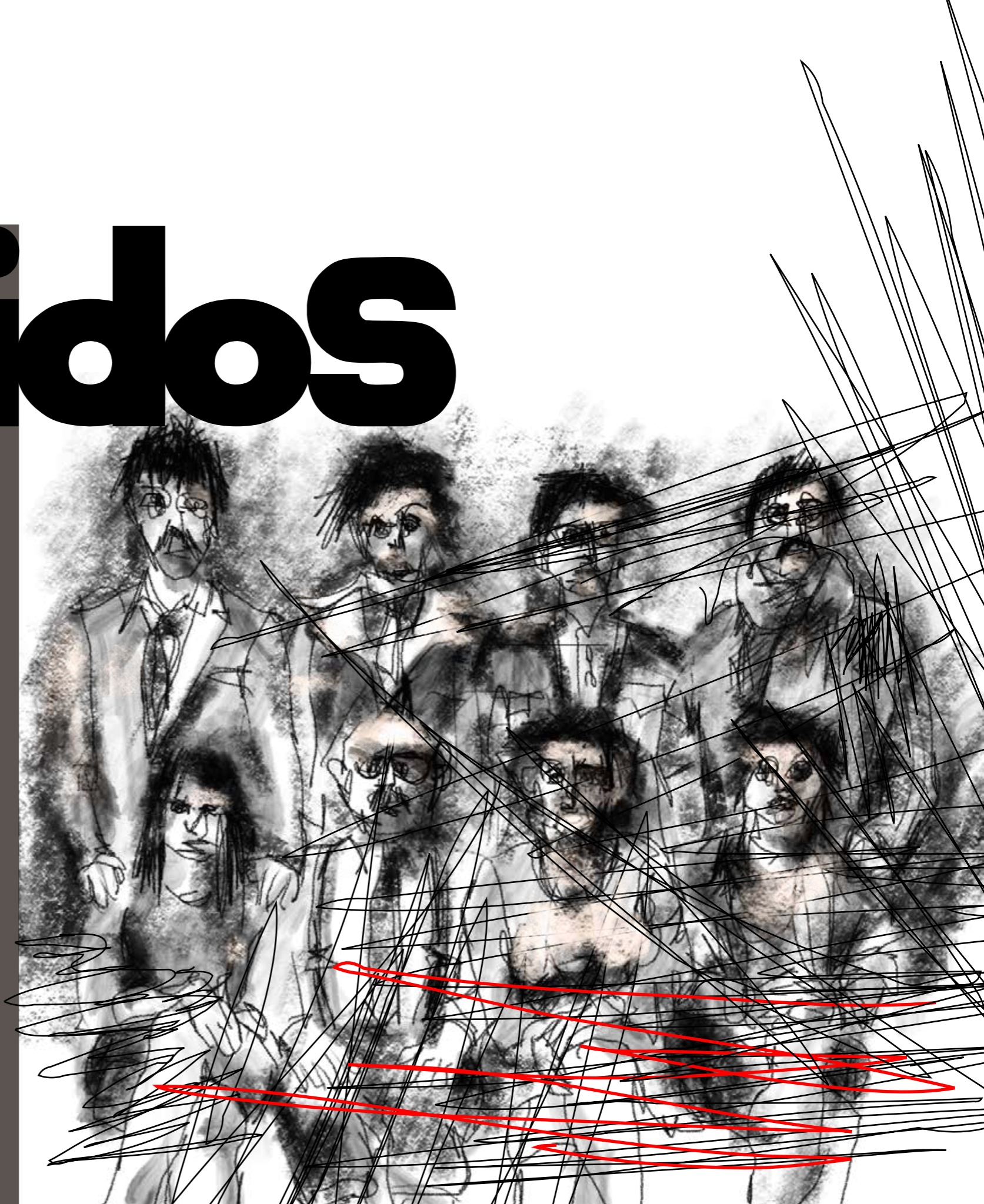


# dos Sórdidos

assédio  
teatro

dossier



# ficha

texto|encenação|interpretação **PEDRO GALIZA**

direcção de actores|interpretação **JOÃO CARDOSO**

cenografia|figurinos|identidade gráfica **SISSA AFONSO**

desenho de luz **NUNO MEIRA**

desenho de som|sonoplastia **FRANCISCO LEAL**

interpretação **DANIEL SILVA**

interpretação **GRACINDA NAVE**

interpretação **INÊS AFONSO CARDOSO**

interpretação **INÊS SIMÕES PEREIRA**

interpretação **PEDRO BARROS CASTRO**

interpretação **PEDRO QUIROGA CARDOSO**



*O pai e a mãe morreram.*

*Somos filhos de Hollywood, do porno, da pílula, do telelixo, da internet e do cibercapitalismo.*

Paul B. Preciado

A família é, simultaneamente, uma idealizada casa de amor e uma irreprimível máquina de violência. A genética funciona como alicerce, o sangue é argamassa e a história dos nomes da família emprega-se como papel de parede, servindo os seus intrincados e hipnóticos padrões tanto para entreter o olho e o gosto como também para esconder tudo quanto mais vale nem sequer lembrar. A casa dos pais, a primeira sociedade de que fazemos parte, seria, optimisticamente, um espaço para nutrir e fazer crescer, constringendo o mínimo para que os mais novos pudessem vir a descobrir, em liberdade, o seu máximo. Porém, como todas as sociedades, a casa dos pais é, também, uma fábrica de opressão, um templo de ordem e medo, de dogmas tanto ditos como implícitos, onde a negociação entre autoridade geracional e identidade emergente privilegia, quase sempre, a primeira e força a segunda, com recurso às mais variadas ferramentas de subjugação (entre as quais o já citado amor figura, sem dúvida, como uma das mais eficazes e tenebrosas), a vergar.

A família como motor de violência é, também, uma das mais recorrentes obsessões temáticas d'ASSÉDIO. Desde os longínquos idos de 2000 em que estreámos "o Fantástico Francis Hardy, Curandeiro", de Brian Friel, passando por "Um Número", de Caryl Churchill, e "Tio Vânia", de Anton Tchekov, ambas em 2005, ouvindo depois as "Vozes Familiares", de Harold Pinter, em 2011, relendo mais tarde "O Pecado de João Agonia" e "A Promessa", ambas de Bernardo Santareno, em 2021 e 2023, respectivamente, ou levando à cena "Terno", de Pedro Galiza, em 2022, "Terno e Cruel", de Martin Crimp" e "Veroeste", de Sam Shepard, ambas em 2024, o seio familiar, enquanto esteio de agressão, repressão e conseqüente mutação, tem-nos preenchido muitas horas de estudo, ensaio e confronto com o público. Mas, com a talvez honradíssima excepção do espectáculo "Um Número", em que Caryl Churchill imagina a relação entre um pai, o seu filho e os dois clones deste, até agora as famílias que teatralizámos em cena são-nos, de alguma forma, conhecidas à partida. Fazem parte de um qualquer património colectivo de lugares comuns e, apesar da sua variedade (burguesas ou trabalhadoras, portuguesas ou estrangeiras, filhas da pequena ambição ou talhadas para a grande tragédia), é-nos relativamente fácil, ao vê-las desfilar ao longo das décadas, rever-nos na sua acção e insensatez. Somos nós, claro, com mais ou menos detalhe, mais ou menos datação. Apesar de tudo, fomos e somos ainda nós nesses vários espectáculos.

Porém, neste nosso tempo, a família, que sempre esteve em crise, em crise permanece, mas talvez a natureza dessa crise tenha mudado. O futuro, em que já vivemos e viveremos cada vez mais e que nos promete, a cada passo, crescente atomização, ameaça romper de vez as amarras que nos prendem aos "nossos". Mais do que novos tipos de família, a sua talvez já completa ausência ou, pelo menos, a sua óbvia ineficácia na prossecução dos mais directos objectivos a que normalmente se propõe, tanto nos pode afiançar a derrocada final do patriarcado como o seu mais absoluto triunfo. Nestes tempos estranhos, em que maximizamos a encenação da vida familiar através da exigente curadoria das redes, em que cada gesto é publicidade e comércio e a "felicidade" é um bem transacionável e eminentemente "partilhável", em que vemos reemergir as mais reaccionárias visões do que é ser-se homem e mulher e pai e mãe e a dedicação à família volta a ser um imperativo moral não vá a raça extinguir-se, que nos aguardam as décadas que ainda aí vêm...? Que futuro terá a família em crise? E, mais importante até do que tudo isso, que esconderão as caras sorridentes que se gravam cada vez mais grotescamente idealizadas?

Talvez, propomos nós, escondam a sua sordidez.



*Ó, queimai a casa! Haveis chacinado o marido, massacrado o gado, envenenado o poço, violado a mãe, assassinado a criança - tendes de queimar a casa!*

Edward Bond

Extremamente funcional na sua espectacular e permanentemente difundida disfuncionalidade, uma família triunfa. Comprovam-no todos os meios, todos os écrãs. Uma família, três gerações, um destino de consumada excelência biográfica prêt-à-porter, os pergaminhos do seu sucesso confirmados ao longo de décadas de auto e hetero elogio, a sua notoriedade escalando os cumes tecnológicos até a um futuro decididamente não muito distante. Quase telenovelesca na sua caricatural dinâmica, ainda que desprovida de quase todas as pretensões sentimentais, uma família ascende, por engenho e mérito, ao epíteto de "perfeita", exemplo reluzente e aspiracional ao qual se contrastam todas as outras, ficando estas sempre aquém e aquela destacadamente além.

Porém, há algo podre no reino lá de casa. Os sorrisos estalam e estilhaçam. Rosna-se mais do que se fala. O peso do voyeurismo começa a fazer dobrar aquelas poses bem estudadas e as espinhas dorsais, que já não têm, dariam agora tanto jeito. Sua-se já a inevitabilidade trágica, cheira-se no ar a desgraça que aí vem. Se impelidas pelas circunstâncias, aquelas pessoas, fluorescentemente iluminadas a cada momento, podem mesmo vir a confrontar-se com a triste consciência de que não passam de bestas enjauladas. E, quando as circunstâncias a isso as forcem, aquelas bestas uivarão em esplendor toda a sua sordidez.



**Pedro Galiza**  
autor e encenador

Nasce em 1986 na Póvoa de Varzim.

É formado em Teatro-Interpretação pela ESMAE/IPP. Trabalhou como actor com as companhias de teatro Assédio, Ensemble, InMediaRes, Marácula, TEP, Teatro do Bolhão, entre outras. Foi dirigido por João Cardoso, Emília Silvestre, Rogério de Carvalho, Carlos Pimenta, Jordi Ribot Thunnissen, Lee Beagley, Inês Vicente, Giselle Stanzione, Alexandre Azinheira, Gonçalo Amorim, Joana Providência, Maria do Céu Ribeiro, Nuno Carinhas, Jorge Pinto entre outros, em espectáculos a partir de Shakespeare, Molière, Connor McPherson, Frank McGuinness, Paul Verlaine, Nikolai Gogol, Mickaël de Oliveira, Oscar Wilde, Rui Pina Coelho, Mark o'Rowe, Owen McCafferty, Peter Handke, Alan Ayckbourn, Jacinto Lucas Pires, entre outros.

Em cinema, trabalhou com Luís Ismael, Kyle Sousa, Paula Cons, Carlos Amaral e Marta Díaz de Lope Díaz.

Encenou textos, em Portugal e na Catalunha, de Fernando Pessoa, William Shakespeare, Gil Vicente, Anton Tchekhov, Franz Kafka, Arthur Machen, Ella Hickson e de autoria própria, entre outros.

Traduziu textos de William Shakespeare ("Ricardo III", "Tito Andrónico", "A Tempestade"), Nikolai Gogol ("Diário de um Louco", a partir da versão inglesa de Claude Field), Franz Kafka ("A Mulherzinha e Outras Histórias", a partir da versão inglesa de Willa e Edwin Muir), Anton Tchekov ("O Canto do Cisne", a partir da versão inglesa de Marianne Fell), Arthur Machen ("O Grande Deus Pã"), Charlotte Perkins Gillman ("O Papel de Parede Amarelo"), Ella Hickson ("Despe-te [Isabel]"), Enda Walsh ("Quarto 303", "Quarto de Menina" e "Cozinha"), Martin Crimp ("Terno e Cruel") e Sam Shepard ("Veroeste").

Como dramaturgo, escreveu "Fábulamãe", em 2016, "Vida e Obra de um Homem Mais ou Menos Apresentável", em 2018, "Entre Dois Campos de Milho" e "Translúcido" em 2019, "M.A.D.", em 2020, "Diacrítico", em 2021, "Terno" e "Que Não se Fale dos Velhos Tempos", em 2022, "O Quarto Quarto", "Prometheus" e "A Tragédia de Aristides Inhassoro" em 2023, "Conversa Porca" e "NEMESIS" em 2024 e "DUPLA", em 2025.

De 2008 a 2015, integrou a direcção d' A Filantrópica - Cooperativa de Cultura, CRL e colaborou como produtor e programador do Philantra - Festival de Arte Independente.

Co-fundou a Marácula - Associação Cultural em 2013 e, em 2019, a Grua Crua. Integrou, de 2015 a 2021, a equipa de produção e programação do FIS - Festival de Artes Performativas a Solo. Desde 2024, é co-director artístico, conjuntamente com João Cardoso, da ASSÉDIO - Associação de Ideias Obscuras.

**assédio teatro**

Nestes vinte e sete anos assegurou a revelação de diversos textos e autores, atenta ao que se escreve no espaço cultural ocidental, mas apostando também na pesquisa de mecanismos interpeladores, tanto ao nível temático como formal.

Podemos dizer que é um colectivo artístico capaz de assegurar autonomia e identidade artísticas. Esta maturidade, não só é dada pela experiência das pessoas que o compõem, como pela construção de um percurso feito de fortes cumplicidades cultivadas nas colaborações artísticas e humanas e na manutenção de diálogo sobre a prática teatral, condições essenciais para a permanente actualização das linguagens criativas de cena.

É no encontro da coerência da escolha de repertório com a renovação das linguagens cénicas, que a Assédio tem assentado a qualidade e distinção do seu trabalho. Tem sido através de um saber acumulado pela experiência e de uma inquietação alimentada pelo fazer, que este colectivo tem construído a sua identidade e a relação com o público.

# contactos



**Direção Produção**

**INÊS SIMÕES PEREIRA**

**M: 914 780 810**

**assedio.prod@gmail.com**

**Direção Artística**

**JOÃO CARDOSO**

**M: 919 396 908**

**PEDRO GALIZA**

**M: 912 747 987**

**ASSÉDIO Teatro**  
**Associação de Ideias Obscuras**

[assedio@assedioteatro.com](mailto:assedio@assedioteatro.com)

[www.assedioteatro.com](http://www.assedioteatro.com)

[www.facebook.com/assedio.teatro](http://www.facebook.com/assedio.teatro)

**SALA de BOLSO**

Rua de Miragaia, nº 61  
4050-386 Porto

